

Garibaldi: a crônica que não foi

Garibaldi: The Ungone Chronicle

José Irmo Gonring*

Certa vez, tinha eu de 13 para 14 anos, a professora de Português, como se dizia então, emprestou-me um livro de Antoine de Saint-Exupéry, *Terra dos homens*, com tradução de Rubem Braga. Só décadas depois eu daria apreço a esse detalhe do tradutor, e ainda mais depois que tomei conhecimento de que essa obra foi importante para a formação do homem Rubem Braga.

Esse livro narra as peripécias do autor como piloto pioneiro de aviação comercial, com passagens de extrema dificuldade, vida no limite, com pousos forçados no deserto africano ou nos Andes. Tudo, ao que me lembro, repassado de reflexões. Para mim, era, apesar de encantadores, uma série de relatos pessoais, diferentes daquilo a que eu já me acostumara, com relação ao estatuto do romance, incluindo-se aí o mestre Machado de Assis. Mas na capa do livro estava escrito: romance.

Bom, se era assim, que fosse, mas achei muito esquisito, para um romance. Décadas depois, também, li as reportagens desse mesmo autor, que são modelares de como se escrever bem no jornalismo, seja cobrindo a guerra civil

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

espanhola, ou a vida na Rússia com uma nova ordem em vias de implantação, anos depois da revolução. Em uma das reportagens – sobre heroísmo de um certo piloto – uma nota nos diz que ali está o nascimento do texto que passaria a ser um capítulo de *Terra dos homens*. Até onde me lembro, da reportagem para o texto do “romance” não muda nada. Estava pronta uma peça literária de pronto. Essa mesma sensação que temos ao ler as reportagens de Euclides da Cunha sobre Canudos para jornal e a narrativa como está em *Os sertões*. Sobre isso, recordo aqui o que digo quando falo das crônicas dos romancistas Machado de Assis e José Carlos Oliveira: um pássaro não abdica de suas asas, mesmo quando as circunstâncias o levam a caminhar.

Bom, não é novidade que romances podem ser feitos em cima da crua realidade, ou com um misto de realidade e ficção; o que conta é a capacidade do autor de nos dar as mãos num percurso de longo curso, até compartilhar todo(s) o(s) sentido(s) de sua obra. Assim, um romance tem que ter, como condição *sine qua non*, um personagem, pelo menos, e um ambiente onde ele se movimenta – o palco do autor. Pode ser que o ambiente tome a condição de personagem coadjuvante. E que tenha, o romance, um determinado tamanho, ora! Se não, como vai um autor, nessa viagem, de preferência a pé, nos entreter com suas delongas?

Nem importa haver um fio condutor, um princípio, meio e fim lógico, em que ações levam a reações e conclusões. Essas ações, se não concatenadas num objetivo único para o clímax de uma história, sustentam-se como autônomas, mas amarradas no fio que se chama “personagem”, e resta a nós leitores costurar isso tudo e, com nosso (des)gosto, atestar a validade da obra.

O autor pode chamar cada capítulo desses textos de crônicas, se quiser. É da sua liberdade. Mas, se estamos falando de gêneros – e eles existem, historicamente – é de se crer que a crônica, da sua modesta origem como folhetim nos rodapés dos jornais franceses, aos seus melhores dias na imprensa brasileira, sempre foi uma narrativa de curto fôlego, um atravessar de rua para falar com o amigo, seguindo a camisa de força do espaço que lhe era destinado. O longo fôlego

ficava por conta, nos primórdios, do romance em folhetim, que seria retomado nos anos 70 pelo escritor capixaba José Carlos Oliveira (*Terror e êxtase, Um novo animal na floresta*), na sua coluna no *Jornal do Brasil*.

Esse extenso prólogo é apenas para dizer que devemos colocar na conta de nosso autor homenageado, Reinaldo Santos Neves, mais um romance, além dos usuais, citados em estudos e biografias. Ele se chama *Dois graus a leste, três graus a oeste*.

Tudo bem que, já na primeira página, o autor espicha assim o título: "Floresta de crônicas em folhetim que tratam da vida e opiniões de José Garibaldi Magalhães, ouvidor-mor do jazz e sócio do Clube das Terças-Feiras, além de amador de mulheres, poeta amador e funcionário público aposentado por justa causa, e cidadão nato chato e residente na mui leal e valerosa cidade de Nossa Senhora da Vitória do Espírito Santo, Brasil". E se o autor reúne o que estava disperso na imprensa e lhe dá a cobertura de um nome, e ainda um vasto sobrenome, é de se entender que suas pretensões ultrapassam o contrato inicial do autor: escrever uma crônica mensal em mídia digital.

Devo dizer que convidei, sim, Reinaldo Santos Neves para escrever crônica, num projeto de minha autoria que é considerado o primeiro *blog* literário do país. Isso, nos últimos anos do século XX. Dei-lhe a receita do tamanho do texto, pois historicamente esse gênero adquiriu um padrão, em termos de espaço, na imprensa. E, mesmo em outra plataforma, nós estamos ainda falando de imprensa, se se trata do *Gazeta Online*, cujo conteúdo era e é noticioso. Só que Reinaldo, com certa disciplina inicial, na sua crônica mensal não conseguiu se conter nas paredes do formato. Trouxe o personagem que havia debutado numa revista literária que teve um número único e foi ficando cada vez mais caudaloso e me avisando que tinha passado do tamanho, se podia... Mas tinha passado muito. Era cerca de três mil caracteres, e ele logo havia chegado a dez mil. E dobrou essa parada.

Eu disse que sim. Porque estava bom, bom demais. E mesmo a gente não tendo certeza se os leitores estariam acostumados com coisas longas, nessa nova mídia. Mas o que já sabíamos é que o novo meio trazia essa possibilidade de escrever sem limite. Inclusive, no meu caso, produzi textos extremamente curtos, impossíveis de se fazer, no padrão impresso, onde seria necessário encher linguiça para tapar o buraco que a cada autor era destinado, na tal “coluna”. (Alguns desses textos curtos saíram na coletânea de autores capixabas *A parte que nos toca.*)

Só que Reinaldo não extrapolava só no tamanho, mas naquilo que era (é?) um presumível estatuto da crônica, levando-a para a banda do romance em folhetim, cujo nome mais apropriado talvez seja “novela”. Personagem de muita personalidade, Garibaldi movimenta-se num ambiente onde coadjuvantes de gostos musicais diferenciados lhe dão ensejo a apresentar-se meio folclórico e quixotesco (isso que o longo subtítulo do autor, acima, desenha). Mas Garibaldi cresce a cada “crônica”, desnuda-se como o erudito que é (em letras, por exemplo), até culminar-se na figura marcante de um exímio exegeta do jazz, de verniz acadêmico, que nos atropela com seus sólidos argumentos, atordoa com suas ironias e dispara uma artilharia conceitual que nos deixa atônitos. O que vinha se esboçando vagorosamente como uma crítica severa a Miles Davis, vai num crescendo desembocar num *gran finale* que nos autoriza a dizer que esse é, de certo modo, um romance de tese.

Um romance *cult*, tudo bem. Faz mais sentido para os amantes do jazz. Foi gestado como uma experiência de texto contratado com prazo (apesar de longo: um por mês). Era para serem textos despretensiosos, no sentido de ser desse feitio a crônica para jornal, pois na verdade meu objetivo final era levar escritores de longo curso para a enseada do dia a dia da mídia impressa. A sequência do plano era passarmos a escrever crônicas no jornal *A Gazeta*.

Mas, com Reinaldo, não daria certo. Autor afeito a nadar de braçadas em oceanos de criações livres em todos os sentidos, como fazê-lo comportar-se nas comportas de uma usina diária de palavras com medidas?

E mal sabia eu – o autor o revela na antessala do livro depois editado em papel – que sempre esteve nos seus planos escrever mesmo um folhetim. Por isso, apesar de reiteradamente o autor falar em “crônica”, a cada capítulo que produzia, ele estava mesmo é fingindo, esse fingidor-mor de nossas letras. Para nosso gáudio, que bem o digo.

Deve-se levar em conta também que o fecho da obra foi posterior à publicação dos textos digitais. É o capítulo 25, “Aboborização de Miles Davis”, dividido em dois “atos”, da página 397 a 455. O tamanho de uma novela, quase. E que três “crônicas” da fase digital foram condensadas em uma, sob um único título. Tudo pode ser conferido nas notas do autor sobre sua obra.

E mais: sabe aquela sensação de que o autor deixou um laço para amarrar, que seria o que aconteceu lá atrás, naquela noite em Jardim Camburi, quando a namorada de Garibaldi, ele o próprio e o narrador comeram uma pizza? E passa capítulo e isso não vem, e num capítulo o autor ameaça que vai contar mas não conta. Pois bem, termina a obra e não ficamos sabendo. Aí você fica a matutar: é isso mesmo, trata-se de mais um truque de narrador para fisgar nossa atenção. Ou então um tipo de metalinguagem por elipse que se assemelha aos improvisos do freejazz que se perdem, que nunca retomam o rumo do tema para uma conclusão – uma das ácidas críticas do personagem Garibaldi a essas modernidades no jazz. E você se fica achando um cara até inteligente, por sacar essa destrama.

Mas sua alegria dura pouco, porque o autor – e que bom que eu só leio o que o autor fala de sua obra, na abertura, depois de lê-la, a obra – vem nos informar o seguinte: “Este projeto jazzístico em folhetim andou ensaiando uma sequência, até porque parte da história ainda não fora contada até o fim, a saber, a história do triângulo amoroso entre Garibaldi, Maria da Penha e o narrador” (NEVES, 2013, p. 19).

A sequência, “com novo narrador e nova abordagem”, atinge nove “fascículos” (de 2001 a 2003), publicados, “como convinha, na internet (no site Estação

Capixaba, onde ainda podem ser lidos)”. Outros projetos do autor interromperam “a segunda parte das aventuras de Garibaldi”. Que têm um nome: *A história inconfessável*. (NEVES, 2013, p. 20).

Como se não bastasse, por que razão o autor pinta o personagem com uma “boca de maraçapeba”, o que é sempre lembrado, obra afora? Não é impunemente que isso se dá. Garibaldi nasce com esse sinal, essa, digamos, “boca torta” por castigo de maldizer. (Aqui, o autor já inaugura uma série de referências que fará ao folclore e lendas capixabas, o que já está também no nome de batismo do personagem, aquele que “foi à missa” sem espora, caiu do cavalo e a criançada mangava dele direto.)

É isso que acho. Mas, se não quiserem assim, que assim, crônica o seja. Mas você há de convir, então, que Reinaldo também, como o Machado de Assis das crônicas, não apeia das asas, quando andando.

Em tempo: este é um texto para uma galeria de homenagem, esboço que pode ser aprofundado oportunamente.

Em outro tempo: a professora que me emprestou Terra dos homens foi Maria de Lourdes Salviato, a Dona Dilu, em Santa Teresa. Foi por muitos anos ilustre professora da Ufes.

Referências

CUNHA, Euclides da. A campanha de Canudos. In: FUSER, Igor (Org.). *A arte da reportagem*. São Paulo: Scritta, 1996. p. 13-26.

FUSER, Igor (Org.). *A arte da reportagem*. São Paulo: Scritta, 1996.

REYNAL, Claude. Introdução. In: SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *Um sentido para a vida*. Tradução de Maria Helena Trigueiros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 9-12.

SANTOS NEVES, Reinaldo. *Dois graus a leste, três graus a oeste*. Vitória: Secult-ES, 2013.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *Terra dos homens*. Tradução de Rubem Braga. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *Um sentido para a vida*. Tradução de Maria Helena Trigueiros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Recebido em: 15 de dezembro de 2018

Aprovado em: 19 de março de 2019